

A ORDEM PATRIARCAL E A LITERATURA DISSIDENTE

Ms. Lucélia de Lima

Mestre, doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia. PPGEL/UFU.

lima_lucelia@yahoo.com.br

ST 22: Identidades E (Não)Representatividades De Lgbtqia+ Na Literatura, No Cinema, Na Música E Na Televisão Do Brasil

RESUMO

A obra *Amora*, de Natália Borges Polesso, ganha o prêmio Jabuti de 2016: primeiro lugar. Contudo, os jornais se ocupam de anunciar o segundo e o terceiro lugares deixando a ilustre desconhecida mais desconhecida. Não são esquecimentos, nem deslizes cometidos contra Natália Borges Polesso, mas uma reação típica da ordem patriarcal em que a política do esquecimento é estratégica. Quero - por meio da análise do conto *Vó, a Senhora é lésbica?* - retomar a ideia de ordem para mostrar a construção da dissidência. Mas, ao mesmo tempo, quero mostrar como a literatura enfrenta essa ordem abrindo espaço para a reconstrução do imaginário em que cabem todos e todas e todes. Para fazê-lo, busco referência, principalmente, em Zigmunt Bauman, Paul B. Preciado, Gilles Deleuze e Félix Guattari, já que os autores em questão permitem conduzir a análise do conto de Polesso pela via da ideia de que a dissidência é um lugar que funciona como lixo, como o não desejado do que cabe na ordem patriarcal, misógina e machista.

Palavras-chave: Dissidência, Ordem, Literatura da diferença, Literatura menor.

ABSTRACT

THE PATRIARCHAL ORDER AND THE DISSIDENT LITERATURE

The work *Amora*, by Natália Borges Polesso, wins the Jabuti Prize in 2016: first place. However, the media is busy noticing the second and third places, leaving the illustrious anonymous even more anonymous. These are not mere lapses, or slips done against Natália Borges Polesso, but just a typical reaction of the patriarchal order in which oblivion is the main strategy. I want - through an analysis of the short story *Vó, a Senhora é lésbica?* - take the idea of order to show the construction of dissidence. However, at the same time, I want to show how literature faces this order by opening a space of imaginary reconstruction which can be a place for every "hes", "shes" and "theys". To do that, I'm referencing, mainly, Zygmunt Bauman, Paul B. Preciado, Gilles Deleuze and Félix Guattari. These authors allow me to conduct an analysis of Polesso's short story by using

a way that the idea of dissidence is a place that works like gargabe, like the undesirable of what cannot fit in the patriarchal, misogynist and sexist order.

Keywords: Dissidence. Order. Literature of the difference. Minor literature.

INTRODUÇÃO

O Enem de 2018 trouxe uma questão usando como texto motivador um excerto de um dos 33 contos do livro *Amora* de Natália Borges Polessa, publicado em 2015. O conto de onde a prova retirou o trecho foi *Vó, a senhora é lésbica?* cujo enredo se constitui de uma pequena reunião familiar na casa da avó: três netos e a avó sentados à mesa. Quando de repente e do nada um deles, Joaquim, faz a pergunta que dá título ao conto. Há um susto, um momento de suspense que vai do distanciamento dado entre o título e o começo do conto.

O foco narrativo em primeira pessoa conduz a cena pela perspectiva de Joana, a neta que dera um beijo em Taís na biblioteca e morre de medo de o primo contar à avó o que vira.

A questão do ENEM/2018 interrogou sobre a tensão provocada pelo conto. E esperava que os candidatos identificassem a letra B, ou seja, que afirmasse que a tensão, provocada pelo conto, centrava-se no silêncio em nome do equilíbrio familiar. Ou seja, o neto pergunta à avó sobre sua sexualidade. Joana, a protagonista-narradora, sente-se amedrontada em função de que sua sexualidade também estava sendo questionada. Impera, pois, um silêncio em família: a avó (Clarissa) e a neta (Joana), embora se relacionem com mulheres e embora estejam em tempos tão distintos, escondem, camuflam a própria sexualidade invisibilizando-a, pois não o fazer significa quebrar os padrões de um modelo social. A pergunta feita pelo ENEM é sintomática. E sintoma de quê? Sintoma de uma sociedade individualista em que a sexualidade está sendo controlada, vigiada.

Uma questão, entretanto, em uma prova ao final do ensino médio, poderia apenas suscitar a curiosidade, a capacidade de tecer reflexões em torno da obra literária, mas, pelo contrário, causa polêmica levantando discussões e, por que não, revelando a homofobia e o despreparo dos alunos (e pais) brasileiros em lidar com a obra. No site da *Página Cinco* pode-se ler: “Há quem tenha se sentido ofendido. O deputado federal Delegado Francischini, do PSL do Paraná, por exemplo, se manifestou no Twitter dizendo

que aquilo se tratava de "esquerdalha infiltrada [que] continua fazendo sindicalismo sexual nas provas"¹. O que quer que seja sindicalismo sexual, o deputado parece ter interpretado a questão não como um desafio para jovens em formação intelectual, mas como uma forma de angariar adeptos. A revista *Claudia*, na época, também escreve em tom pejorativo deixando entrever um pacto entre meio de comunicação e público que não pode passar sem ser notado. A reação de muitos brasileiros à prova do ENEM foi/é a expressão de como as questões que envolvem a sexualidade não dominante são tratadas no País: como se as mulheres lésbicas não fossem uma parte expressiva da população; como se não existissem, ou como se sua existência tivesse que continuar sendo cerceada, controlada sempre em direção ao silenciamento.

A recepção que a imprensa brasileira deu à ganhadora do prêmio Jabuti pela obra *Amora* (2020) é exemplo dessa expressão. Em entrevista ao site *Bondelê #13*, Natália conta que os jornais anunciaram em suas manchetes que Julián Fuks e Arnaldo Antunes haviam ganhado o Jabuti, ano 2016. Mas nenhuma manchete citava o primeiro lugar em contos e crônicas de sua autoria. Os jornais pareciam estar mais preocupados em afirmar que Natália Borges Polessa estava concorrendo com Luiz Fernando Verissimo e Rubem Fonseca (preteridos) do que lhe dar um lugar de prestígio, de destaque.

É preciso avaliar que Natália Borges Polessa era, como se diz, uma ilustre desconhecida. Mas também é preciso avaliar que a recepção à obra foi fria, como se dissessem: essa obra não nos interessa. E não nos interessa, principalmente, porque a obra é um corpo na condição de materialidade que ocupa um lugar físico e no espaço cultural ocupa uma posição política. Há obras que devem ser lidas, que ocupam posição nas prateleiras físicas e virtuais de destaque, mas há obras que precisam ser invisibilizadas.

Falando assim parece meio maniqueísta esse posicionamento, como se houvesse um agente do pensamento dominante manipulando esse jogo. Mas não é o que ocorre. A obra é invisibilizada, porque não faz parte do conjunto de obras que são naturalmente tidas como as obras que contam, as obras que devem ser lidas. O poder hegemônico do sistema falocêntrico tem nos aparelhos ideológicos a condição de reprodução do padrão dominante. Esse padrão sistêmico macho-fêmea, masculino-feminino, para se manter, precisa se reproduzir. E essa reprodução ocorre por meio de todos nós que ao invés de desnaturalizar determinados modelos de raciocínio, de atitude, de respostas, agimos no

¹ Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/11/06/vo-a-senhora-e-lesbica-leia-o-conto-que-causou-polemica-no-enem/>. Acesso dia 27 de outubro de 2021

automático reproduzindo o que estamos acostumados a reproduzir. A obra que interessa é a masculina, branca e elitizada como afirma Natália.

Amora (2020) desafia esse posicionamento ao ficcionalizar a vida de mulheres lésbicas inseridas em diversas esferas sociais e vivendo como as demais pessoas que compõem o espaço coletivo, contudo, tendo que enfrentar a sua condição vista como abjeta.

Para realizar a análise do conto *Amora*, pautei-me principalmente na obra de Zygmunt Bauman *O Mal-estar da pós-modernidade* (1998), na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari *Mil Platôs* (2002), e na obra de Paul B. Preciado *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2017). A obra de Zygmunt Bauman é reveladora no sentido de demonstrar de que forma a ideia de ordem e limpeza estão presentes no século XX. São uma espécie de padrão organizador tanto das subjetividades quanto da sociedade. Por isso, ao se tratar da ordem baseada no patriarcado, não se pode ignorar que essa ordem é uma construção cultural que a modernidade dará um especial acabamento fazendo que a subjetividade dela decorra. Em *Mil Platôs*, Deleuze & Guattari (2002) se propõem a quebrar o paradigma freudiano de construção da subjetividade vinculada ao teatro familiar fazendo com que a possamos pensar a partir da cooptação do fluxo de desejo por um modelo de sociedade capitalista mundial cuja função se volta ao trabalho. Há assim um vínculo entre a misoginia do tipo de organização social vigente – e herdeira do paradigma moderno – e a sociedade capitalista mundial. Um tipo de literatura resiste à cooptação do desejo na ordem patriarcal: trata-se da literatura que Deleuze e Guattari (2003) chamam de menor. O papel da literatura, nesse sentido, na condição de arte, é produzir outras possibilidades de olhar, fazendo com a cooptação do fluxo de desejo não seja tão automática. Em *Manifesto Contrassexual*, Paul B. Preciado amplia a ideia de produção subjetiva usando a potência da linguagem em desfavor de seu uso dominante. Provoca assim uma rachadura na organização patriarcal vista por vezes como tão natural.

Parto então do conto de Natália Borges Polessa em *Amora* Vó a senhora é lésbica para por meio da análise do enredo e dos personagens focalizar a organização patriarcal. Mas tomo o próprio conto como parte dessa literatura menor a que se referem Deleuze e Guattari (2002) para demonstrar como em *Vó, a senhora é lésbica?* há uma fissura, um borrão provocado pela literatura que não permite a cooptação do desejo para qualquer

lugar, permitindo a reflexão sobre a ordem patriarcal e maneira como o tempo é utilizado nesse modelo social.

A ORDEM PATRIARCAL

Vó, a senhora é lésbica? (POLESSO, 2020, p. 33), é um dos contos mais conhecidos dos 33 presentes na obra *Amora*, de Natália Borges Polessso. O conto faz uma entrada triunfal a partir do título. A pergunta-título ocupa a página da obra não de forma inocente, despreziosa, mas ciente da potência que carrega ao conduzir a narrativa movimentando-a como uma faca afiada. Primeiro pela precisão do corte, depois, pela ciência de estar ali de forma não ingênua, sabedor do desenho que quer construir.

A imagem que o conto desenha é um típico encontro entre membros de uma mesma família: Clarissa, a avó, e seus netos, Joana, Joaquim e Beatriz. Eles conversam à mesa quando, sem qualquer motivo aparente, o neto pergunta à avó: “[...] você, a senhora é lésbica?” (POLESSO, 2020, p. 34). A pergunta feita desencadeia a tensão capaz de gerar, dentre outros sentidos, um constrangimento, um mal-estar.

Na interrogação do neto, há uma estranheza, uma mosca no meio da sopa como cantou Raul Seixas. Há um elemento que perturba a ordem, como um ovo frito no travesseiro, diria Bauman (1998). Mas o que mesmo perturba? O que há nessa pergunta feita à mesa num encontro trivial entre avó e netos? Qual a potência dessa interrogação que dá título ao conto?

Quem fez a pergunta utilizada no título do conto (*Vó a senhora é lésbica?*) foi Joaquim, o neto. A pergunta penetra um espaço ficcionalizado, à primeira vista, à maneira do sistema falocêntrico: uma avó que cuida de netos, divide com estes a sua casa, acolhe-os enquanto os pais trabalham. Casa em que se sentem à vontade, em que brincam, divertem-se. “Numa tarde dessas, peguei um pouco de talco, joguei na minha cabeça e fui até a cozinha para mostrar meu cabelo branco.” (POLESSO, 2020, p. 38). Tão à vontade que se sentem no direito de fazer as perguntas que quiserem.

Uma criança por se colocar no lugar do macho, do homem da casa, sente-se à vontade, sem medo de agir. Pode seguir uma linha de pensamento como se não houvesse uma barreira a lhe impedir. Estar à vontade é um sintoma de não se sentir controlado, vigiado por nenhum olhar que lhe censurasse. É uma situação confortante oposta ao que sente sua prima. Joana, pelo contrário, sente medo, sente-se vigiada, controlada, porque

está no lugar não confortável, não aceito. O seu lugar é o do defeito, do erro. A suspeita de Joana, voz narrativa que conduz o enredo, é de que ele queira denunciá-la. Isso porque ele a viu dando um beijo em Taís na biblioteca. “Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é” (POLESSO, 2020 p. 34). Embora Joaquim não tenha prosseguido, a sua pergunta movimenta a narrativa por meio da percepção de Joana. É da pergunta que nasce o conto; é a pergunta que requer uma resposta, tarefa inquirida à avó, a lésbica. A pergunta denuncia uma voz emblemática do sistema heterocentrado qual instantâneo que capta o processo de constituição do sujeito. Um sujeito que se faz na medida em que as instituições agem sobre ele enformando-o, conformando-o, compelindo-o a uma decisão entre as duas alternativas: ser um homem ou ser uma mulher. A voz de Joaquim é metonímica de um modelo social cuja ordem encaixa os indivíduos numa determinada conformação, simbolizando o processo de afrouxamento ou de inibição de escolhas que vão funcionar constituindo parte do sistema heteronormativo.

A interrogação de Joaquim ecoa entre nós. Ser lésbica é um nome. E um nome é simultaneamente tempo e lugar: um nome localiza (algo ou alguém). Um nome aprisiona sentidos que constroem o real possibilitando outros sentidos aprisionadores de uma certa noção de mundo com a qual se convive ao traçar do ponto de vista ético e político quem se é, o que se quer e, conseqüentemente, o que e como se conhece. Um nome também dá conta de como percebemos o outro, o inimigo, o de fora do grupo, o que incomoda a ordem ensejada, hegemônica.

Analisemos bem a pergunta: trata-se de um substantivo (lésbica) que na frase é utilizado como atributo. Contudo, esse nome não seria pronunciado por alguém entre as classes mais subalternas. Entre os mais pobres, iletrados, usa-se: “sapatão”, “caminhoneira”, “machorra” como no conto *Flor, flores, ferro retorcido* (POLESSO, 2020) da mesma obra. Talvez alguém de classe média, média alta, alguém mais instruído, usasse “lésbica”. Isso faz mais sentido, pois no conto em questão a avó é uma professora de história. Esses termos podem circular melhor em um espaço em que o conhecimento formal, a leitura, estão presentes.

Talvez também não fosse pronunciado por alguém que não o localizasse como uma referência marcada. Quero dizer: lésbica é um nome que produz a diferença. É no ato de nomear que a diferença é constituída. Não se questiona um sujeito adaptado à regra dominante sobre sua posição sexual, mas se o indivíduo não se encaixar nesse padrão, a posição é cunhada por um termo, uma marcação, pois ancora uma diferença.

Mas diferença em relação a quê? Diferença neste caso em relação a um padrão de sexualidade pré-determinado. Pense na seguinte imagem: um espaço contendo os diversos seres, uma diversidade desejante (sexual) imensa, é, nesse espaço, amalgamado, derretido, e despejado em uma forma em que se lê escrito: Homem ou Mulher. Ora, esses dois nomes são as fôrmas que expressam o padrão de sexualidade dominante. Se uma dessas manifestações de sexualidade foge a esse padrão, precisa ser marcado. O nome “lésbica” é desse tipo de ordem de marcação.

A pergunta de Joaquim é potente também porque a relação entre o nome “avó” e “lésbica” é, nesse ambiente, paradoxal: como pode a figura feminina da avó, do ponto de vista da sociedade falocêntrica, tão angelical, tão pura, ter por atributo um nome percebido como impuro, sujo, que se refere à gente sem lugar, machorra, motivo de vergonha da família?

A ideia remete-nos a duas noções presentes em *Mal-Estar da Pós-Modernidade*, de Zygmunt Bauman (1998), a primeira é a noção de limpeza. A segunda é a ideia de ordem. Assim como "cultura" ou "civilização", modernidade é mais ou menos beleza ("essa coisa inútil que esperamos ser valorizada pela civilização"), limpeza ("a sujeira de qualquer espécie parece-nos incompatível com a civilização") e ordem ("Ordem é uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão") (BAUMAN, 1998, p. 7-8).

A ideia de pureza (limpeza) está associada à ideia de civilização/modernidade. A fôrma em que cabe a pureza ao mesmo tempo deixa sobrar, desencaixar, expulsar todo elemento que a contraria. Uma família pura é a “sagrada” e pequena família burguesa, composta por alguém que se anuncia como um homem, como uma mulher e os filhos (preferencialmente em pouca quantidade). Se outra ideia de família é concebida, imediatamente o mecanismo que regula a formatação da ideia de pureza se faz operar em cada indivíduo, em cada instituição, um alerta. Esse alerta leva ao corte, à expulsão do que está fora do padrão, como quem varre a casa, retira o que sobra, – o que não pode ser considerado digno de ser visto ou seguro para habitar no espaço de todos – e o atira fora.

Avó é um termo que remete a um lugar nessa sagrada família: a matriarca, aquela que lega aos seus – pela lógica dessa ordem – saberes que permitem reproduzir as sagradas famílias vindouras.

Por isso, é paradoxal a ideia de lésbica vinculada à ideia de avó. Como um membro de importância central no legado da reprodução de padrões tão seguros pode ele mesmo estar fora deste padrão? O atributo – lésbica – incomoda o nome avó. Não podem ser (mas são na condição de entre lugar) associados.

O incômodo dessa associação também se dá pela segunda noção com a qual Bauman (1998) trabalha, a noção de ordem: “[...] uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão” (BAUMAN, 1998, p. 7-8, grifo nosso).

Assim, perguntam-nos: que regulamento é esse que foi estabelecido decidindo de antemão quando, onde e como uma família deve ser? Essas são regras provenientes de uma herança de domínio masculino em que há o estabelecimento de que uma família se compõe de um indivíduo que se vê como homem e de uma pessoa que se percebe como uma mulher, jamais de duas mulheres. Assim, ser lésbica (uma mulher que ama outra mulher) é para essa ordem uma infração, uma desordem, um desarticulador dos pilares vigentes: para essa ordem, o caos. De tal forma que essas ideias se desprezadas irão provocar “indignação, resistência e lamentação” (BAUMAN, 1998, p. 8). São ideias tão caras para o grupo social que cada qual precisa aprender a respeitá-las e apreciá-las.

Zygmunt Bauman (1998) tece reflexões sobre os conceitos de Ordem e Limpeza em *O mal-estar da pós-modernidade* a partir da obra publicada por Freud, conhecida no Brasil como *O mal-estar da cultura*. Contudo, há uma diferença de emprego dos termos nos dois teóricos. O ponto de vista de Freud é o da Psicanálise. E sob essa ótica a cultura (tomada como civilização) produz mal-estar: em Freud, doença, sofrimento, neuroses, psicoses; mas em Bauman, a perspectiva é da Sociologia, preocupada em pensar os condicionantes para que um determinado grupo viva de uma ou de outra forma. Nesse sentido, há sempre uma ordem a ser estabelecida, seja ela advinda de princípios heterocentrosados ou não.

Enquanto a Sociologia se preocupava com a noção de ordem considerando os fora da ordem como estigmatizados, a teoria queer, primeiro pelo pensamento de Judith Butler e depois pela posição de Paul B. Preciado, quer, ao compreender o jogo do poder heteronormativo, pensar como esse poder é constituído. Por outras palavras, enquanto a Sociologia questionava a ordem na perspectiva de quem está dentro ou fora dela, reforçando a estigmatização de indivíduos pertencentes aos grupos preteridos pela ordem

dominante, a teoria queer se colocou no olho do furacão ao pensar como o poder heteronormativo é construído.

A família é uma das instituições poderosas na condição de tecnologia social de construção da subjetividade e do poder heteronormativo. Em *Vó, a senhora é lésbica?* é no olho do furacão que estamos, ao pegar de surpresa um instante em que essa produção poderia se consolidar. Uma família composta de uma avó e netos à mesa (organizados como o sistema os pensa) é flagrada. Na fala de um menino, a pergunta é feita. Mas não de forma despreziosa, mas com o objetivo de, talvez, na perspectiva de Joana (a neta também lésbica), denunciá-la. A tensão após a pergunta se coloca. Mas a forma de resolvê-la faz toda a diferença. Em vez de inibir desejos, a avó toma a palavra e se posiciona como uma mulher que se relaciona com outra mulher. Esse gesto é o da negaceação, do movimento de lidar não apenas com um neto curioso, ou intimidador, mas com um sistema que a quer calada e operadora da produção sexual que institui.

A avó se posiciona e ao se posicionar fricciona o espaço em que se encontra abrindo outras possibilidades de percepção do seu desejo. Afinal, uma lésbica como defeito de fabricação é a posição que o sistema heteronormativo construiu, mas construiu não sem a resistência. Se se calasse, estaria em convivência com a norma, com o desenho que o sistema instituiu, colocando-se no lugar que lhe fora marcado. À medida que se move, respondendo ao neto, a avó rejeita a ordem sistematizada e desenha para si um outro lugar. Isso porque, ao contrário do que o sistema heteronormativo institui, a lesbianidade não se constituiu um defeito de fabricação da ordem, embora incomode, mas figura como um ponto a ser debatido. Possibilita a percepção do que incomoda, possibilita a percepção da construção da subjetividade desviante, não mais essencializada: em *performance*.

A LITERATURA DA DIFERENÇA

A literatura, nesse sentido, funciona como um laboratório de produção de realidades outras, posicionando-se na condição de agenciamento maquínico – na linguagem deleuze-guattariana – cujo sentido se relaciona com o fazer literário na condição de literatura menor, ou literatura da diferença.

Por quê agenciamento maquínico? Ora, porque a literatura, de um modo geral, opera agenciamentos, seja para criar corpos fixos, seja para possibilitar-lhes o

deslocamento, a soltura de uma posição em um modelo social que o quer com determinadas rigididades. A literatura menor é da ordem da última, do tipo de obra que abre espaços lisos, na condição de máquina de guerra, e provoca o corpo para um outro lugar desterritorializando-o, reterritorializando-o em espaços não dominantes.

E o que vem a ser literatura menor? Primeiro, há que se pensar em menor. Menor aqui não deve ser compreendido como insignificante em relação a um sentido dominante. Menor aqui se refere à literatura que se quer trincheira, instrumento de tática de guerrilha, negaceando feito o jogador de capoeira diante da casa grande. Uma literatura menor, pois, é a literatura que tanto do ponto de vista da linguagem, da política e da coletividade abre frestas para que um outro corpo (não binário) seja possível em uma batalha diária, permanente.

Deleuze e Guattari (2002) na obra *Kafka*, para uma literatura menor desenharam os propósitos da literatura menor: construir a consciência de minoria, desviar do padrão, subverter uma dada ordem.

Na capoeira, quando um jogador enfrenta o outro, mantém firme um olhar, nem de baixo, nem do alto, mas firme, porque sabe que se retirar as vistas pode sofrer o golpe mortal. Da mesma forma procede a literatura menor: lida com sagacidade, sabendo que o jogo é contínuo, violento, e quer dessubjetivar, controlar, dominar de todas as formas seja pela força das instituições como escola, igreja, seja pelo controle editorial, mídia, imprensa.

A língua (1), a política (2) e o coletivo (3) são os instrumentos de que se serve para jogar. A língua, porque “É através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve” como afirma Gilles Deleuze (1997) em **Crítica e Clínica**. Se as palavras são controladas pelo grupo dominante, o grupo não dominante do ponto de vista político e econômico (a minoria) precisa subverter essa língua, seja pela transgressão às normas, pelos desvios, seja pela inserção de termos ressignificados. Isso porque, de acordo com Deleuze e Guattari, “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE & GUATTARI, 2002, p.38). E essa construção se dá pelo procedimento da desterritorialização. Ou seja, pela operação de deslocar seja o sentido, seja o valor dos termos, questionando-os como quem bombardeia no miúdo, na trincheira, até que a língua maior perca seu valor de controle sobre a forma de dizer (ou como Barthes em 1978, em sua aula inaugural para o Collège de France, afirmou: “a língua, como performance de toda a linguagem, não é nem

reacionária, nem progressista: ela é, simplesmente: fascista; o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”) e, portanto, o controle completo da relação significante-significado. Isso leva a dizer que o gesto da literatura menor é iminentemente político (2). Se a disputa pela forma de dizer implica construir uma consciência de minoria numa situação em que o grupo dominante - “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” conforme Karl Marx e Friedrich Engels em Ideologia Alemã, (2007. p.72) - detém todos os aparatos de controle: igrejas, escolas, quartéis, meios de comunicação, essa forma de fazer literatura só pode ser política.

Quando o grupo dominante sequestra um fazer literário transformando-o em cânone o faz de tal forma que ele se torna a referência qualitativa para o grupo. Tudo o que difere do que foi considerado boa literatura ganha o espaço da marginalidade. Contudo, não há nenhum elemento extra-humano para definir o valor de um texto. É (não só, mas também) no embate entre as classes sociais que se encontra a justificativa para dizer que Machado de Assis é boa literatura (homem, hétero, embora mulato) enquanto Natália Borges Polezzo é literatura marginal (mulher, lésbica, branca?). Como afirma a professora Dr^a Maria Cristina Batalha:

Os grandes textos da tradição seriam aqueles “canonizados e fecundados”, integrados pela posteridade a uma longa cadeia textual, que dão a impressão de um percurso evolutivo e linear. Paralelamente, há uma certa proporção de textos literários não “fecundos” mantidos à margem dos arquivos canônicos. (BATALHA, 2013, p. 116)

São, pois, considerados legítimos, melhores, os textos que passaram pela triagem dos mecanismos de seleção e exclusão responsáveis por instituir os cânones. Isso implica dizer que os critérios que fazem com que alguns sejam aceitos são os mesmos que refutam uma grande quantidade de texto aí sim considerados marginais.

É no esquema da produção que nos encontramos. Consequentemente, conclui-se que são históricos esses balizadores. Portanto outras obras poderiam ter sido escolhidas em vez das que figuram como referência para uma nação. Mas, ao fazê-lo, as instituições que asseguram o lugar do canônico estariam dando vez e voz a uma diversidade enorme de textos, o que lhes ampliaria a presença no espaço público. Essa ampliação teria um preço: o abalo das percepções consideradas adequadas ao grupo dominante. Isso porque a manutenção da hegemonia de um grupo implica a submissão de outro. A minoria política (maioria numérica) toma como de todos o pensamento dominante, como se os valores dominantes também lhe desse um lugar de prestígio. Ledo engano. As ideias

dominantes são também as ideias de controle das vontades, dos desejos, do tempo, enfim, das outras categorias. A polifonia teria um preço. Os preteridos e a conseqüente produção literária da minoria assim estão para que não haja qualquer alteração na relação de poder. A única forma de ser incorporado à grande literatura é pela captura. Isso porque a forma de ação do capitalismo, de acordo com Deleuze e Guattari (2002) em *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia* é incorporar por meio de axiomas tudo o que encontra, até o discurso dos não dominantes, desde que sejam também transformados em mercadoria. Por isso, a literatura menor precisa exercer um verdadeiro malabarismo para produzir a consciência de minoria num jogo de negaceação, de fazer que vai e não ir. Ir e não avisar como o fez Kafka, desmontando a máquina social e processando o sentido. Bem de acordo com o que afirmavam Deleuze e Guattari (2002): “A constelação literária kafkiana, pelo processamento que o sentido sofre adentro da experiência da escrita assim como a respectiva desmontagem da máquina social que a atravessa, pode ser considerada uma autêntica máquina desejante” (DELEUZE & GUATTARI, 2002, p. 09)

A literatura menor o é também na medida em que toma a questão individual não para juntar-se a outras questões meramente individuais, como o faz a grande literatura, mas como instrumento de luta, bombardeando o modelo edipiano, e abrindo a possibilidade de criação da consciência de minoria: “A redução à política é, em geral, baseada numa só ideia, a luta. Só a luta pode ser constitutiva de liberdade” (DELEUZE & GUATTARI, 2002, p. 10)

Ora, o individual está para a literatura menor a borbulhar outras questões que se conectam com o triângulo familiar: questões comerciais, econômicas, burocráticas, jurídicas, determinando-lhes o valor. Isso porque não trata do individual e de seus conflitos, mas do individual que emerge do social, daí o caráter político da literatura menor.

O coletivo (3), pois, é a mira da literatura menor: se dele provém, a ele se dirige no sentido de produzir uma consciência de minoria, operando como uma verdadeira máquina de guerra como o chamou Deleuze e Guattari (2002). Isso se dá em função de que aquilo que o escritor diz torna-se uma ação coletiva.

CONCLUSÃO

A análise do conto *Vó, a senhora é lésbica?* de Natália Borges Polezzo, presente na obra *Amora* (2020) permite observar, refletir como opera o que Deleuze & Guattari (2003) chamam de literatura menor.

A ação, a potência da literatura está no enfrentamento das questões sociais abrindo o espaço reflexivo para outras possibilidades. Neste caso (o conto de Polezzo) em específico, o enfrentamento se dá à ordem patriarcal. Trata-se como vimos de uma construção social cujo interesse aponta para a concretização do poder das classes hegemônicas que, por um lado, se favorece do estabelecimento de uma ordem dominante que condiz com suas necessidades, e essa ordem, por outro lado, é branca (porque a classe dominante mundial é branca) e machista (porque a classe dominante mundial é centrada no poder masculino).

Contudo, não é fácil o enfrentamento a essa ordem. A literatura menor parece ser a funda de Davi contra o Golias. Ela nasce construindo fissuras no grande muro de significações fazendo com que o imaginário seja remexido, colocado fora de ordem. Ao agir assim aponta para outras direções em relação ao questionamento que provoca. No caso da ordem patriarcal que cria corpos dissidentes, a literatura toma esses corpos como protagonistas de uma outra história que pode ser contada: a história de si, dos seus desejos, dos seus sonhos. É assim que em *Vó, a senhora é lésbica?* passa a figurar no espaço público, como uma ponta de lança que orienta o olhar para outra direção, a direção em que uma grande quantidade de seres humanos está, o lugar da dissidência, visibilizando o que na ordem patriarcal é disposto como invisível.

CITAÇÕES

1 - Eis a reprodução da questão do ENEM/2018:

Vó Clarissa (depois de ouvir do neto a pergunta “Vó, a senhora é lésbica”) deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e

me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contrai o peito, esperando o tiro. [...]

[...] Pensei na naturalidade com que Tais e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar. POLESSO. N. B. Vó, a senhora é lésbica? Amora. Porto Alegre: Não Editora. 2015 (fragmento).

ENEM 2018: A situação narrada revela uma tensão fundamentada na perspectiva do

- a) conflito com os interesses de poder.
- b) silêncio em nome do equilíbrio familiar.
- c) medo instaurado pelas ameaças de punição.
- d) choque imposto pela distância entre as gerações.
- e) apego aos protocolos de conduta segundo os gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Revisão técnica: Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1998

BIRMAN, Joel. **Apresentação in: Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCIA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016.

_____. PAGANINI, Luís Antônio, PASSOS, Vinícius Lopes (org.) **Inventário do corpo: recortes e rasuras**. 1. ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2011

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.V.1. Trad. Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.

_____. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. V. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed 34, 2002.

_____. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. V. 4 Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed 34, 2002.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 8. Ed. 2020

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, n.1, 2017.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu editora, 2017

SILVA, Fábio Mario da & VILELA, Ana Luísa. **Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira**. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62446113.pdf>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.